

# Panorama do Setor Leiteiro

Patricia M. Magalhães Dias<sup>(1)</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

O setor lácteo brasileiro tem passado, nos últimos anos, por grandes transformações que alteraram significativamente seu desempenho e sua inserção no mercado internacional. A produção nacional de leite cresceu de maneira expressiva (hoje entre as 10 maiores do mundo) e as importações de lácteos, de eventuais e esporádicas passaram a ser periódicas e em volume bastante considerável. As mudanças observadas nesse período são um reflexo das transformações econômicas ocorridas no País como um todo, notadamente a partir de 1986, com a edição do Plano Cruzado e os planos subsequentes. A economia brasileira tem passado por sucessivos ajustes e desajustes que têm repercutido na atividade leiteira. Mas foi a partir do início da década de 90, com a política de liberalização da economia adotada pelo País, que o setor leiteiro, no Brasil, mais sofreu transformações.

## 2. PRODUÇÃO

A produção brasileira de leite cresceu 41,2% no período de 1980/1992, crescimento esse devido muito mais a uma expansão horizontal da atividade, que avançou pelo Centro-Oeste e Norte do País, onde a pecuária é uma atividade de duplo propósito (carne/leite), do que a um aumento da produtividade. Os ganhos de produtividade ocorreram nas bacias leiteiras

tradicionais localizadas nas regiões Sudeste e Sul. Nesse mesmo período a população brasileira cresceu 25,8%, mantendo a tendência de deslocamento em direção aos centros urbanos, que atualmente concentram 77% dos habitantes do País.

Para 1993 as estatísticas oficiais ainda não estão disponíveis, mas estima-se um crescimento de 2% na produção de leite (16,1 milhões de litros) em contraposição aos quase 5% ocorridos em 1992 em relação a 1991 (15,7 milhões de litros). A quantidade de leite vendida pelos produtores aos estabelecimentos industriais caiu 6,3%, em 1993, o que provocou uma queda na fabricação de produtos lácteos. Somente o setor queijeiro conseguiu um desempenho superior a 1992, aumentando sua produção em cerca de 6%. O crescimento discreto da produção em 1993 deveu-se, basicamente, à redução do mercado efetivo, em decorrência dos problemas econômicos do País. Neste ano de 1993 a inflação brasileira alcançou o patamar de 2.700%, com uma taxa média mensal de cerca de 32%. Os produtores, a seu turno, encontravam-se também desestimulados pois em 1992, ocorreu uma situação de excesso de leite não absorvido pelo mercado interno.

A expectativa, para 1994, é de uma recuperação, em torno de 4%, tanto da produção quanto das entregas para os laticínios. Os dados do IBGE para o lei-

te entregue até outubro nos estabelecimentos industriais apontam um acréscimo de 4,3%, em relação ao mesmo período de 1993. Essa estimativa ainda se mantém pois o efeito do aumento nos preços revelou-se mais forte que os prejuízos causados pelas geadas, ocorridas no inverno e início da primavera (entressafra), nas regiões Sudeste e Sul, e depois a seca que atingiu também o Centro-Oeste. A produção de derivados lácteos deverá, no mínimo, voltar aos níveis de 1992. Amparando esse prognóstico favorável está o processo de estabilização da economia trazido pelo Plano Real, que tem provocado um ambiente propício à produção e à industrialização, depois de anos de resultados financeiros mais expressivos do que os operacionais, em função de uma economia inflacionária.

## 3. IMPORTAÇÕES

As importações brasileiras de produtos lácteos sempre se mantiveram abaixo do patamar de 300 mil toneladas (em equivalente leite) até o início da década de 80, quando começaram a aumentar, chegando ao máximo de 2,3 milhões toneladas em 1986, como decorrência do aumento episódico da demanda, provocado pelo Plano Cruzado. A partir de então as nossas importações têm se tornado frequentes e situam-se, em média, em torno de 900 mil toneladas por ano.

Em 1993, alcançaram mais de 800 mil toneladas, sempre em equivalente leite, e para 1994 estima-se que deverão situar-se em torno de 600 mil toneladas, em virtude do plano de estabilização da economia. Basicamente, os produtos mais expressivos da pauta – leite em pó e manteiga/óleo de manteiga – são importados para complementar a oferta interna de leite pasteurizado (através de reconstituição e venda sob a forma fluida). Foi sob essa ótica, ou seja, de valorização da produção local, que o Brasil, recentemente (ago/94), elevou a alíquota do imposto de importação de leite longa vida e leite em pó de 20% para 32%.

A preocupação com a não interação de subsídios concedidos por países exportadores continua presente na política do País para o setor agrícola, em especial para os lácteos. Essa posição tem permeado todas as negociações em

(1) Técnica da Secretaria de Política Agrícola do MAARA.

que o Brasil participa, não só no âmbito do GATT, como também no MERCOSUL. Em janeiro de 1995 entrou em vigor a Tarifa Externa Comum (TEC), para os países que compõem o MERCOSUL. A maioria dos lácteos ficou com alíquota de 16%, restando na lista de exceção do leite em pó (32%) e alguns tipos de queijos (2%) mas que devem convergir para a TEC dentro de um prazo preestabelecido.

#### 4. CONSUMO

Utiliza-se a disponibilidade interna (produção + importação) para medir o consumo aparente de leite e derivados por não existirem dados confiáveis sobre essa variável no Brasil. Essa disponibilidade situa-se em torno de 100 kg/per capita/ano, a metade da existente nos países desenvolvidos, em 1992, podendo ser considerada razoável – embora abaixo do mínimo recomendado pela FAO que é 146 kg per capita/ano – quando comparada com a média dos países em desenvolvimento de 36 kg/per capita/ano. (GATT, IDA, "The World Market for Dairy Products", 1993, p. 04.).

Essa disponibilidade é, entretanto, afetada pelas fortes disparidades regionais e de renda existentes no País. Assim, o "consumo" de leite e produtos lácteos sofisticados é semelhante ao de países desenvolvidos em alguns estados do Sudeste e Sul, mas em outras regiões do país é igual ou pior do que a média dos países subdesenvolvidos.

A tendência, que deverá ser confirmada para 1994, e para os próximos, é de um aumento do consumo na medida em que a economia se estabilize, a taxa de urbanização continue em ritmo ascendente e os principais problemas do País sejam equacionados. Em 1986, quando ocorreu um aumento na renda real do consumidor, fruto do Plano Cruzado, observou-se uma explosão de consumo, o que demonstra a alta elasticidade renda dos produtos lácteos.

#### 5. PREÇOS

Os preços do leite ao produtor e do leite pasteurizado para o consumidor foram rigidamente tabelados por mais de 40 anos no Brasil. Os preços dos demais derivados também sofreram algum tipo de intervenção, do simples acompanhamento até o controle total, dependendo da época e da necessidade de combate da inflação, por parte das autoridades econômicas.

A partir de 1990, com o início da desregulamentação da economia brasileira, os preços dos lácteos foram sendo gradativamente liberados, ao longo de um processo que culminou com a liberação do leite pasteurizado em novembro de 1991. Dessa data em diante, não existe nenhum tipo de controle de preços sobre qualquer produto lácteo, no Brasil.

Somente a partir da implantação do Plano Real, em maio de 1994, é que a cadeia de lácteos voltou a ter algum tipo de acompanhamento de preços por parte do governo, mas somente no sentido de

monitorar e evitar eventuais abusos por parte de alguns segmentos.

Os preços, ao nível de produtor, entre 1986 e 1990, giraram em torno de US\$ 0,17/l, em quase todas as regiões do País, à exceção do Nordeste, onde os preços fixados eram superiores em função do maior custo de produção. Somente em 1990 os preços tabelados distanciaram-se dessa média, ficando em US\$ 0,21/l, patamar que não se sustentou, voltando a cair após a liberação. A partir de 1991, essa média elevou-se um pouco, passando para US\$ 0,18/l, na Região Sudeste. Mas é necessário ressaltar que a produção de leite, nas bacias novas e em formação, ainda é bastante sazonal, com uma variação safra/entressafra que chega a 50% e reflete-se nos preços. Mesmo nas regiões tradicionais os preços variam em torno de 15%, dependendo da estação.

Os efeitos do Plano Real começaram a se fazer sentir através de uma elevação, embora ainda pequena, na renda real dos consumidores, o que tem provocado um aumento na procura por lácteos. Essa pressão da demanda repercutiu na indústria, elevando os preços do produto in natura. O preço médio recebido pelo produtor, no Estado de São Paulo que até junho girava em torno de US\$ 0,17/l, passou para cerca de US\$ 0,21/l, quando se estende o período até outubro de 1994. Esse estímulo de preços, em parte devido à entressafra normal, fez com que os produtores procurassem manter a produção de seus rebanhos através da suplementação via concentrados e silagem.

### BRASIL – ESTATÍSTICAS LÁCTEAS Indicadores de Produção e Consumo

Anos	Produção Total de Leite	Produção de Leite Per Capita	Importação Total de Lácteos**	Preço ao Produtor***	Disponibilidade Interna	Disponibilidade Per Capita
	t	kg/hab	t	US\$/kg	t	kg/hab
1990	14.484.414	100,40	905.935	0,21	15.390.349	106,68
1991	15.079.187	102,64	1.312.869	0,18	16.392.056	111,57
1992	15.784.011	105,76	428.016	0,18	16.212.027	108,63
1993	16.100.000*	105,95*	816.230	0,18	16.916.230*	111,32*
1994	16.700.000*	107,95*	600.000*	0,17	17.300.000*	111,83*

Fontes: MAARA/SPA, MF/SUNAB, SEPLAN/IBGE

(\*) Estimativa/Previsão

(\*\*) Transformadas em Toneladas de Equivalente Leite

(\*\*\*) Leite in Natura, no Estado de São Paulo (1994: Jan/Jun)

**BRASIL - ESTATÍSTICAS LÁCTEAS**

(1.000 t)

PRODUÇÃO	1990	1991	1992	1993	1994***
Leite em Pó Integral	141,9	148,5	155,6	144,5	77,9
Leite em Pó Desnatado*	38,9	39,6	47,2	30,3	14,6
Manteiga**	65,0	57,0	50,8	44,6	20,1
Queijos	222,0	194,7	189,1	200,0	84,8

Fonte: Estimativa da SPA/MAARA

(\*) Inclui Semi Desnatado

(\*\*) Inclui Óleo de Manteiga

(\*\*\*) Jan/Jun

(1.000 t)

IMPORTAÇÃO	1990	1991	1992	1993	1994***
Leite em Pó Integral	23,2	30,9	16,9	25,4	1,2
Leite em Pó Desnatado*	34,3	63,0	13,6	25,0	3,6
Manteiga**	7,5	12,7	5,9	8,8	4,6
Queijos	21,7	15,3	2,5	8,0	0,8

Fonte: Estimativa da SPA/MAARA

(\*) Inclui Desnatado p/Uso Industrial e Semi-Desnatado

(\*\*) Inclui Óleo de Manteiga

(\*\*\*) Jan/Mar

(1.000 t)

CONSUMO	1990	1991	1992	1993	1994***
Leite em Pó Integral	165,1	179,4	172,5	169,9	79,1
Leite em Pó Desnatado*	73,2	102,6	60,8	55,3	18,2
Manteiga**	72,5	69,7	56,7	53,4	24,7
Queijos	243,7	210,0	191,6	208,0	85,6

Fonte: Estimativa da SPA/MAARA

(\*) Inclui Semi Desnatado e Desnatado p/Uso Industrial

(\*\*) Inclui Óleo de Manteiga

(\*\*\*) Jan/Mar (Importações) Jan/Jun (Produção)